



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E
AGRÁRIAS
COORDENAÇÃO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETÍCIA ANDRADE ALVES DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO INFANTIL E AGROECOLOGIA: PELA SAÚDE
DAS CRIANÇAS E DA TERRA

BANANEIRAS – PB

Junho/2023

LETÍCIA ANDRADE ALVES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AGROECOLOGIA: PELA SAÚDE
DAS CRIANÇAS E DA TERRA**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Curso
de Bacharelado em
Agroecologia da Universidade
Federal da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Bacharel
em Agroecologia.

Orientador: Prof^ª. Dr^a. Anabelle Camarotti de Lima Batista

Bananeiras – PB

2023

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

O48e Oliveira, Leticia Andrade Alves de.
Educação infantil e agroecologia: pela saúde das
crianças e da Terra / Leticia Andrade Alves de
Oliveira. - Bananeiras, 2023.
41 f. : il.

Orientação: Anabelle Camarotti de Lima Batista.
TCC (Graduação) - UFPB/cchsa.

1. Autoavaliação. 2. Metodologias ativas. 3.
Autonomia infantil. 4. Atividades sensoriais. I.
Batista, Anabelle Camarotti de Lima. II. Título.

UFPB/CCHSA-BANANEIRAS CDU 631.8 (043)

LETÍCIA ANDRADE ALVES DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AGROECOLOGIA: PELA SAÚDE DAS
CRIANÇAS E DA TERRA**

Bananeiras, 16 de Junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
ANABELLE CAMAROTTI DE LIMA BATISTA
Data: 21/11/2024 16:26:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Anabelle Camarotti de Lima Batista

DA/CCHSA/UFPB

(Orientadora Presidente)



Documento assinado digitalmente
FILIPPE PAULINO SOARES
Data: 23/11/2024 13:03:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Msc. Filippe Paulino Soares

DE/CCHSA/UFPB

(Examinador 1)



Documento assinado digitalmente
ALBERTINA MARIA RIBEIRO BRITO DE ARAÚJO
Data: 22/11/2024 14:24:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr.^a Albertina Maria Ribeiro Brito de Araújo

DE/CCHSA/UFPB

(Examinador 2)



Documento assinado digitalmente
LUCICLEA TEIXEIRA LINS
Data: 25/11/2024 09:35:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Lucicléia Teixeira Lins

DE/CCHSA/UFPB

(Suplente)

Dedico este trabalho a todas as crianças e famílias que semeiam com esperança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Anabelle Camarotti de Lima Batista, que soube me guiar e acolher mesmo quando desacreditei de mim, pela disponibilidade, orientação e apoio desde as preliminares até a concretização deste trabalho.

As minhas raízes que proporcionaram trajetórias primordiais neste processo de educação, e vivem em mim para sempre. Em memória da minha mãe, Ione Augusta Andrade, por sua força e resiliência.

Ao Otto que me ensina desde quando em mim habitava, e hoje caminha ao meu lado, sendo a razão dos dias mais felizes e dos aprendizados mais importantes.

As pessoas companheiras que me fortaleceram e estiveram ao meu lado, “sozinha ando bem, mas com vocês ando melhor”.

As crianças e suas respectivas famílias, que acreditam no meu trabalho e seguem junto nessa caminhada, plantando e colhendo uma educação libertadora, com respeito e amor.

Ao Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias, da Universidade Federal da Paraíba e todas(os) as/os profissionais que facilitaram o meu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

RESUMO

Este projeto teve como objetivo desenvolver práticas pedagógicas agroecológicas em uma escola particular localizada em João Pessoa, Paraíba. A escola foi fundada em dezembro de 2017 com o objetivo de oferecer uma educação transformadora, reconhecendo o ser humano como íntegro e interligado ao meio ambiente. A proposta era promover a convivência compassiva e sustentável, aplicando o princípio da interseccionalidade antiespecista nas relações estabelecidas na escola. O público-alvo foram crianças de dois a seis anos, divididas em dois grupos: um de dois a três anos e outro de quatro a seis anos. As atividades foram adaptadas da literatura de acordo com as habilidades e necessidades de cada faixa etária, seguindo as orientações da Base Nacional Comum Curricular. O objetivo das vivências em agroecologia na educação infantil foi despertar nas crianças o sentimento de pertencimento à natureza e responsabilidade em relação às diversas formas de vida, resgatando saberes, estimulando a empatia, o diálogo e a cooperação. Essas vivências também promoveram reflexões sobre o que consumimos, como consumimos, de onde vem, para onde vai, quem produz e como produz, com o objetivo de trazer experiências coletivas saudáveis, naturais e livres de agrotóxicos. Os resultados foram significativos e observados no progresso das crianças em relação às suas interações - entre si e com a natureza -, no aprimoramento das práticas ecológicas e em outros aspectos do processo de aprendizagem e compreensão.

Palavras chave: Autoavaliação; Metodologias ativas; Autonomia infantil; Atividades sensoriais.

ABSTRACT

This project aimed to develop agroecological pedagogical practices in a private school located in João Pessoa, Paraíba. The school was founded in December 2017 with the goal of providing transformative education, recognizing the human being as integral and interconnected with the environment. The proposal was to promote compassionate and sustainable coexistence, applying the principle of anti-speciesist intersectionality in the relationships established at the school. The target audience was children aged two to six, divided into two groups: one for two to three years old and another for four to six years old. Activities were adapted from literature according to the skills and needs of each age group, following the guidelines of the National Common Curricular Base. The objective of agroecology experiences in early childhood education was to awaken in children a sense of belonging to nature and responsibility towards various forms of life, rescuing knowledge, stimulating empathy, dialogue, and cooperation. These experiences also prompted reflections on what we consume, how we consume, where it comes from, where it goes, who produces it, and how it is produced, with the aim of bringing about collective, healthy, natural, and pesticide-free experiences. The results were significant and observed in the progress of children in their interactions - with each other and with nature - in the improvement of ecological practices, and in other aspects of the learning and understanding process.

Keywords: Self-evaluation; Active methodologies; Child autonomy; Sensory activities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Oficina III – Dinâmica com ervas. Teve como objetivo final desenvolver o olfato a partir de elementos pouco explorados entre as crianças. 25

Figura 2. Oficina V – Fazendo pães de batata. Teve como objetivo final trabalhar a coordenação motora fina e desenvolver autonomia alimentar 25

Figura 3. Oficina IV - Colagem de elementos naturais em papelão. Teve como objetivo final explorar para além das formas geométricas e desenvolver a noção 26

Figura 4. Oficina I - Contação da história de Ana Primavesi. Teve como objetivo final fazer uma introdução sobre a importância da agroecologia e correlacionar a saúde das plantas com a dos seres vivos que delas se alimentam. 28

Figura 5. Oficina VIII - Rega do plantio de milho e feijão. Teve como objetivo final conhecer as sementes agroecológicas e a importância delas para as famílias agricultoras; entender as dinâmicas de melhoramentos de plantas que as famílias agricultoras realizam e entender sobre variedades genéticas das sementes e relacionar com a diversidade animal (humanos e não humanos).29

Figura 6. Oficina VII - desenhando o Rio que temos X Rio que queremos. Teve como objetivos finais pensar a manutenção dos rios, os impactos do agronegócio e a importância da sua preservação para manutenção da saúde da terra; e imaginar as diversas formas de vida que dependem diretamente dos rios. 30

Figura 7. Oficina X - Leitura sobre impactos climáticos nas florestas. Teve como objetivos finais firmar o conceito de agroecologia; colocar em prática os tópicos anteriores; e tomar responsabilidade e sentir-se pertencentes ao processo 30

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PB	Paraíba

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo I 19	
Tabela 2 – Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo II	21
Tabela 2 – (continuação).	22
Tabela 2 – (continuação).	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	16
2.1 Local de realização e sujeitos da pesquisa	16
2.2 Tipologia da Pesquisa	16
2.3 Atividades protagonistas - oficinas	17
Grupo I	18
Grupo II	20
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
3.1 Grupo I	24
3.2 Grupo II	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB no 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

(...) sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Complementando as DCNEI, as competências gerais da Educação Básica propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) asseguram, na educação infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e se sentirem provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. Algo que Bell Hooks (2013) traz quando trabalha a ideia da pedagogia engajada, propondo que o caminho do aprendizado respeite e proteja a alma dos educandos e educandas, para que vínculos sejam estabelecidos e promovam o crescimento intelectual e espiritual dos envolvidos.

Dentre esses ambientes convidativos temos os jardins das escolas. A conexão estabelecida entre as crianças e a terra traz benefícios para ambas, uma vez que, os vínculos afetivos asseguram conexões psicológicas e espirituais. Louv (2016) afirma que indivíduos sem apego ao seu território (terra) acabam não se responsabilizando ecologicamente a longo prazo e que educar pode salvar uma

“espécie indicadora em perigo de extinção: a criança na natureza”. Essa paixão pela natureza as crianças devem experienciar em seus primeiros anos de vida.

Na continuidade desse pensamento Freire (2019) fala que construir, na educação infantil, experiências que se distanciam do sistema de dominação existente e se aproximem de uma real educação libertadora, é um desafio para as/os docentes. Pois é uma faixa etária que está em constante e intenso amadurecimento das suas emoções e perspectivas sobre a vida, necessitando de um acompanhamento dedicado e disposto a todo momento, para que a condução das atividades e das relações com o outro se dê de maneira pacífica, visto que, “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2004, p. 47).

Para esse acompanhamento os educadores precisam estar sempre se reinventando e, nessa ideia, Bel Hooks (2013) traz o termo autoatualização. O termo trata da necessidade de quebrar paradigmas dominantes e implementar métodos e práticas em que haja o envolvimento das educandas (o) a partir de um vínculo em que as educadoras e educadores consigam fomentar um aprendizado emancipador. Para tanto, a junção entre mente e corpo - corpo esse que não se desvincula da natureza - deve ser uma prática constante. Ao pensar práticas para o desenvolvimento da autonomia, levamos em consideração o fato das crianças serem manifestações da natureza que estão conectadas a outras formas de expressão, as quais podem promover o pleno desenvolvimento de seu potencial (TIRIBA, 2019).

Nesse sentido, a agroecologia vem contribuir com a junção mente e corpo, pois resgata saberes ancestrais, enaltecendo o conhecimento e as vivências cotidianas dos diversos povos que compõem o território brasileiro. Munanga (1999) nos faz refletir sobre essas memórias coletivas e afirma que interessa a estudantes de todas as etnias, uma vez que, servem de antídotos contra o preconceito que afeta as estruturas psíquicas das crianças. Sendo esse, um convite para alimentarmos o corpo e alma, buscando a edificação de uma identidade nacional antirracista. Ao promover a construção de significados, direcionamos este trabalho a educar indivíduos para serem conscientes de suas escolhas, dispostos a promover mudanças por um mundo restaurado, saudável e humano para todas(o). Com

conhecimento e ferramentas adequadas, desde a infância, é possível formar solucionadores em busca de um mundo melhor (WEIL, 2016).

Visto isso e compreendendo que a Agroecologia é um termo amplo, sendo três significados os mais comuns: ciência, movimento e prática agrícola (WEZEL et al., 2009), nos baseamos neles para que haja um entendimento da possibilidade de se trabalhar a agroecologia visando a construção de significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. Buscando assim, enquanto profissionais da agroecologia na educação infantil, facilitar o processo de aprendizagem, com práticas agroecológicas, construindo pedagogicamente com a equipe escolar uma vivência saudável, onde as crianças - convivendo, brincando, participando, explorando, expressando-se-, possam se reconhecer enquanto natureza ao longo do projeto. Fazendo parte da rotina de cada educando e educanda, acompanhados(as) por um educador(a) participante, de olhar sensível às transformações, de acordo com a intenção inserida nas atividades (FLACH, 2008). Buscando o aperfeiçoamento das habilidades individuais. Pois elas estão a todo momento em busca de novidades, ao serem estimuladas, deverão buscar novos espaços, com pessoas diferentes, tamanhos, cores, texturas, sons, formas, linguagens, tempos, culturas. Elaborando assim, ideias, brincando livremente com os elementos naturais infinitos que a natureza é capaz de criar. Uma gama de diversidade e interações que devem estar sob o olhar atento de uma educadora comprometida com o crescimento e desenvolvimento sadio das crianças.

Nessa perspectiva, é possível promover articulações entre os demais componentes curriculares, trabalhando assim a interdisciplinaridade, pensando o histórico familiar, cultural, valorizando a diversidade de saberes e vivências, para que as crianças apropriem-se de conhecimentos e experiências que lhes possibilitem entender as relações com o mundo. Favorecendo o pensamento de alternativas que estejam alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. Visto isso, procuramos através de metodologias participativas, onde as crianças tenham um papel ativo (FERNANDES, 2005), em um ambiente previamente pensado e organizado pela educadora(o), estabelecer uma conexão segura, para que estas sintam-se convidadas a participar e vivenciar, deparando-se com os desafios e

sentindo-se provocadas em resolvê-los. Construindo assim, percepções sobre o seu corpo no mundo e a lida com o meio ao qual estão inseridas.

Ao pensar nos dados recentes, vimos que o Brasil encerrou 2021 com 562 agrotóxicos liberados, maior número da série histórica iniciada em 2000 pelo Ministério da Agricultura. Tal abertura configura uma afronta à população que sofre com os impactos ecológicos (PIGNATI, 2017), desde os povos do campo até as pessoas urbanizadas que consomem alimentos carregados de substâncias cancerígenas. Além da grande exploração de animais humanos e não humanos pelas grandes indústrias. Posto isso, é necessária a busca por uma experiência mais saudável, livre de veneno, onde as crianças possam desenvolver seus sentidos sem que sejam intoxicadas. Ao promover experiências sensoriais utilizando produtos agroecológicos, o projeto fortalece o bem estar não só das crianças, mas também das famílias que vivem da agricultura. Nos estudos de Ribeiro e Silva (2014) podemos notar a garantia de que a escola é um excelente local para uma intervenção na construção desses hábitos alimentares, pois é o ambiente em que crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo, tendo o potencial de se reeducar nutricionalmente e levar consigo todas as experiências aprendidas durante esse período.

Contudo, considerando os princípios essenciais das práticas pedagógicas e as habilidades gerais propostas pela BNCC para a Educação Básica, na Educação Infantil são garantidos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que proporcionam às crianças a oportunidade de aprenderem de forma ativa, enfrentando desafios e sendo incentivadas a resolvê-los. Esses direitos incluem conviver com outros indivíduos, brincar de maneira diversificada, participar ativamente na gestão escolar e nas atividades diárias, explorar diferentes elementos do mundo ao seu redor, expressar-se por meio de diversas linguagens, e conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural. Esses direitos visam ampliar o conhecimento das crianças sobre si mesmas, os outros e o mundo, promovendo respeito às diferenças, estimulando a criatividade, a expressão emocional, a interação social e o autoconhecimento.

Nessa perspectiva, o presente trabalho nasce do anseio em criar um vínculo entre a educação infantil e a agroecologia, com base na Lei de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu Artigo 26, regulamenta uma base nacional comum para a Educação Básica, e no movimento agroecológico que assim como a escolas, deve pensar para além dos espaços físicos, compreendendo também as relações interpessoais, reconhecendo a complexidade da vida, orgânica e dinâmica. Buscamos com isso estimular a autonomia infantil, resgatando a interação criança-natureza, com liberdade para brincar, permissão para experimentar com o corpo e os sentidos, apesar de entender que seres humanos também fazem parte da natureza. Entretanto, vem seguindo a lógica de separação, o que tem acarretado os incontáveis problemas socioambientais vivenciados atualmente.

Dessa forma, pretendemos assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral. Visando assim, a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Pois a agroecologia é uma ciência que vai além das intenções puramente econômicas. É um movimento que nasce e se fortalece nas lutas sociais, e práticas agrícolas voltadas para a manutenção da vida. Um compromisso ético para formar cidadãos críticos, mas antes de tudo, saudáveis, “que elas aprendam hoje a semear entre esperanças, saberes e lutas, as sementes que a nós e a todas e todos venham a se tornar os frutos que fizeram serem reais as nossas esperanças de agora e sempre” (BRANDÃO, 2002, p.13).

2. METODOLOGIA

2.1 Local de realização e sujeitos da pesquisa

O campo de estudo foi uma escola particular de ensino infantil, localizada em João Pessoa, PB. Seu plano pedagógico está baseado em uma ecoeducação vegana que proporciona o contato dos estudantes diretamente com a natureza.

As intervenções associadas ao projeto foram realizadas em duas turmas de ensino integral existentes na escola. Elas foram distintas em Grupo I (G-I), caracterizado por 15 crianças de 2-3 anos; e Grupo II (G-II), com 10 crianças de 4-6

anos. As atividades foram pensadas conforme a divisão pedagógica que a escola já trabalhava e adequadas à faixa etária das educandas (os). O projeto foi desenvolvido no período de março a junho de 2022.

2.2 Tipologia da Pesquisa

Segundo Barbour (2009) o ambiente onde for realizada a pesquisa deve favorecer uma maior participação dos agentes envolvidos. Dessa forma a pesquisa foi fundamentada na avaliação de campo, a qual permite coletar e analisar dados empíricos no local onde os mesmos ocorrem (LAKATOS; MARCONI, 2003). O campo foi a própria sala de aula e jardim da escola que, por muitas vezes, serviram de laboratório para a realização das atividades práticas.

A análise dos resultados do processo de ensino aprendizagem foi feita através de uma metodologia qualitativa, realizada pela observação do desenvolvimento infantil, expresso em movimentos, falas, desenhos, interações sensoriais, como preconizado no plano pedagógico da escola campo, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI)

“As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação (...)” (BRASIL, 2010, p. 31)

As interações sensoriais, bem como o desenvolvimento da motricidade, linguagem e cognição, durante o trabalho foram percebidas e medidas a partir do envolvimento das crianças com os elementos naturais e suas complexidades. Montessori (1965) acreditava que as experiências sensoriais começam no nascimento e que, através de seus sentidos, o sujeito reconhece seu ambiente. Dessa forma foi possível associar os objetivos do trabalho desenvolvido com o plano pedagógico da escola, o qual enfatiza a ecoeducação vegana que proporciona o contato dos estudantes diretamente com a natureza.

2.3 Atividades protagonistas - oficinas

Todas as atividades (oficinas) foram pensadas em separado para os dois grupos alvo (G-I e G-II), contudo, as mesmas se complementam por entendermos que os indivíduos interagem no mesmo espaço e compartilham experiências importantes. Antes de iniciarmos foram descritas algumas regras gerais de condução das atividades para os agentes educadores no intuito de favorecer a receptividade às oficinas pelas crianças (adaptado de BIAZOTI; ALMEIDA; TAVARES, 2017). São elas:

-Assegurar que todas as crianças estejam confortáveis com o seu corpo, espaço e o coletivo;

-Em todas as atividades os elementos deverão ser disponibilizados em quantidades suficientes para que todas as crianças possam experienciar a oficina. Sendo compartilhado em roda para um acolhimento mais dinâmico e democrático;

-No decorrer da atividade, cabe à equipe facilitadora determinar quanto tempo e em que momento os elementos serão disponibilizados, a depender do emocional e da interação do coletivo com a proposta. Ressaltando aqui a importância de acolher as crianças levando em consideração todas as suas especificidades individuais.

As oficinas realizadas seguiram os temas previamente discutidos e planejados com a gestão escolar e estão de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de educação infantil e os DCNEIs (BRASIL 2017; BRASIL 2001). A fim de atender ao projeto político pedagógico da escola, que pauta o veganismo, todas as atividades levaram em consideração o respeito mútuo a todos os seres, fugindo do senso comum onde os animais não humanos são objetificados e desprovidos de direitos. Ao estimular uma observação cuidadosa e atenta, buscamos trazer a compreensão de como se estabelece a dinâmica entre as demais espécies e a importância da biodiversidade para a manutenção das vidas.

Grupo I

Pontos a serem trabalhados ao longo das oficinas: cores, texturas, cheiros, formas e sabores. Enquanto a vivência é realizada, a equipe facilitadora questionava como as crianças estão se sentindo, se reconhecem o sabor, o cheiro, a textura, se o que está sendo utilizado já é conhecido por elas, etc. Trazendo a reflexão sobre o ciclo de determinado alimento e como ele chegou até nós.

Tabela 1 - Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo I.

Oficina I		Cores
Materiais		• raízes <i>in natura</i> (açafrão e beterraba), suco das mesmas raízes e amido.
Como fazer		• Apresentação dos elementos naturais; • Misturar o suco colorido com amido para obter uma textura cremosa (tipo tinta guache); • Propor pinturas livres ou relacionadas com livros trabalhados no projeto pedagógico escolar mensal, em papéis ou corpos.
Objetivos específicos		• Despertar novas percepções da natureza através das cores; • Explorar diversas partes das raízes.
Oficina II		Texturas
Materiais		• Frutas agroecológicas da estação (que fujam do habitual cardápio fornecido as crianças), pratos e talheres.
Como fazer		• Partilhar em roda frutas agroecológicas para experimentação livre, com cortes adequados para a idade, onde as crianças possam conhecer conforme sua criatividade.
Objetivos específicos		• Explorar novos alimentos.
Oficina III		Aromas
Materiais		• ervas naturais, chá gelado, copos, tigelas, pilão, pano de algodão, barbante.
Como fazer		• Compartilhar entre a turma diversas ervas (como boldo, hortelã, camomila, lavanda), para que o olfato seja trabalhado; • Propor de fazer um chá, utilizando os materiais fornecidos; • Construir trouxinhas de ervas desidratadas para “guardar o cheirinho”.
Objetivos específicos		• Desenvolver o olfato a partir de elementos pouco explorados entre as crianças.
Oficina IV		Formas
Materiais		• elementos naturais encontrados na escola (se não houver, buscar nas redondezas);
Como fazer		• Coletar com a turma elementos naturais no espaço escolar (flores, folhas, galhos, sementes, etc), se atentando aos diferentes formatos que elas têm; • Construir um mural com os elementos coletados e fazer a reflexão de como a natureza pode ser diversa.
Objetivos específicos		• Explorar para além das formas geométricas; • Desenvolver a noção espacial.

Tabela 1 - Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo I. (continuação)

Oficina V	•	Sabores
Materiais	•	raízes coloridas (batata doce roxa e laranja), farinhas de polvilho doce e azedo, azeite e ervas aromáticas.
Como fazer	•	Distribuir tigelas e materiais suficientes para cada criança, o objetivo é fazer um pão sem glúten;
	•	Misturar os materiais para que fiquem homogêneos ao ponto de fazer pequenas bolinhas;
	•	Levar para assar e depois saborear, compartilhando com todas as turmas.
Objetivos específicos	•	Trabalhar a coordenação motora fina;
	•	Desenvolver autonomia alimentar.

Fonte: Autoria própria

Grupo II

Pontos a serem trabalhados ao longo das oficinas: solos, águas e culturas. Para esse grupo, a divisão das atividades se deu de forma diferente, pois as oficinas foram divididas em subtemas os quais foram trabalhados em dias diferentes. Por ter conteúdos mais complexos e as crianças possuírem mais maturidade para refletir e conseguir desenvolver ideias acerca do conhecimento construído coletivamente os temas citados foram adequados dessa forma. Todas as oficinas foram organizadas sem tempo definido para acabar. O tema ou subtema seguiram para o próximo à medida que os facilitadores pudessem observar uma compreensão satisfatória do tema em questão (Tabela 2).

Tabela 2 - Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo II.

Oficina I		Solos 1. Cuidados e manutenção da saúde do solo
Material		• Livros e fotos que ilustram a dinâmica dos solos (em hortas e florestas por exemplo); • Ilustrações de solo sem vida; • Papel e lápis.
Como fazer		• Dispor o coletivo em roda (conforme descritos nas regras gerais) para apresentação do tema em questão a partir de uma história lúdica; • Distribuir os materiais escolhidos para fazer a sensibilização; • Alimentar a reflexão através de perguntas, trazendo para o cotidiano as questões pertinentes; • Pedir que as crianças desenhem o que entenderam da dinâmica.
Objetivos específicos		• Fazer uma introdução sobre a importância da agroecologia. • Correlacionar a saúde das plantas e consequentemente dos seres que delas se alimentam;
Oficina II		Solos 2. Cores do solo
Materiais		• Solos diversos (com cores diferentes), água, cola branca, pincéis, potes para a mistura, cartolina, peneira, fotos de solos de outros espaços da cidade (como as falésias);
Como fazer		• Realizar a coleta dos solos, peneirar, misturar cada solo com água e cola branca; • Observar a diferença das cores, usando também como referência as fotos das falésias da cidade;

Objetivos específicos	• Produção e utilização de geotinta para fazer pinturas livres. • Reconhecer a diversidade de solos no espaço escolar; • Trabalhar a criatividade a partir de elementos naturais; • Demonstrar produção de geotinta e seus usos;
Oficina III	
Solos 3. A luta pela terra	
Materiais	• Livros sobre agroecologia (com ilustrações), fotos de integrantes do movimento (de preferência mulheres) e dos movimentos sociais, lápis e papel.
Como fazer	• Realizar uma contação de história, trazendo de forma lúdica a luta pela terra e pela agroecologia, enaltecendo as companheiras como símbolos de força e resistência. • Pedir que desenhem o que entenderam e compartilhem com as famílias.
Objetivos específicos	• Trazer para a turma a reflexão sobre as lutas camponesas e as “heroínas” reais que estão diariamente trabalhando para manter a população bem alimentada; • Construção de um mural sobre qual a importância do movimento agroecológico para nós.
Oficina IV	
Solos 4. Geoterapia;	
Materiais	• Argila, bacias com água, elementos naturais coletados pelas crianças.
Como fazer	• Realizar uma coleta de elementos naturais pelo espaço escolar; • Distribuir porções de argila individualmente; • Propor criação e experimentação livre.
Objetivos específicos	• Trabalhar a textura e a criatividade infantil; • Proporcionar o autocuidado.

(continuação)

Tabela 2 - Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo II.

Oficina V	
Águas 1. Poluição e os impactos para as populações	
Materiais	• Livros e fotos sobre poluição das águas, fotos de rios saudáveis;
Como fazer	• Ler, em roda, histórias sobre a poluição e a contaminação das águas; • Partilhar fotos reais de rios poluídos e rios saudáveis; • Refletir sobre os rios e mares que queremos e precisamos;
Objetivos específicos	• Pensar sobre nossos resíduos individuais e coletivos; • Planejar ações de remediação.
Oficina VI	
Água 2. Estados físicos	
Materiais	• Gelo, água, livro sobre queimadas e efeito estufa.
Como fazer	• Trazer para a compreensão de todos os estados físicos da água, usando como exemplo o gelo; • Realizar uma contação de história lúdica sobre as queimadas e seus efeitos.
Objetivos específicos	• Entender a importância das florestas na conservação da água, bem como a cobertura do solo na agricultura; • Perceber como as mudanças de temperatura da água podem alterar a vida na Terra.
Oficina VII	
Água 3. Rio que temos X Rio que queremos;	
Materiais	• Papel, lápis coloridos, materiais utilizados como base para a introdução desse tópico (livros, fotos)
Como fazer	• Realizar uma roda de conversa para sensibilização através de fotos; • Propor desenhos que trazem uma perspectiva ecológica

Objetivos específicos	dos rios. • Pensar a manutenção dos rios, os impactos do agronegócio e a importância da sua preservação para manutenção da saúde da terra; • Imaginar as diversas formas de vida que dependem diretamente dos rios.
Oficina VIII	Culturas 1. Variedades e importância
Materiais	• Sementes crioulas, alimentos agroecológicos diversos (de preferência não convencionais);
Como fazer	• Partilhar os elementos em roda, apresentando cada semente e discutindo sobre a importância dos guardiões e guardiãs das sementes (usar de exemplo as sementes da paixão); • Pensar em como produzir as próprias sementes a partir do que temos.
Objetivos específicos	• Conhecer as sementes agroecológicas e a importância delas para as famílias agricultoras; • Entender as dinâmicas de melhoramentos de plantas que as famílias agricultoras realizam; • Entender sobre variedades genéticas das sementes e relacionar com a diversidade animal (humanos e não humanos);

(continuação)

Tabela 2 - Descrição das atividades realizadas durante as oficinas para o Grupo II.

Oficina IX	Culturas 2. Dinâmica da “diferença fortalece”
Materiais	• Apenas espaço para uma grande roda;
Como fazer	• Em roda e de mãos dadas, cada criança receberá o nome de uma cultura vegetal diferente, a criança que estiver com o nome da cultura que for chamada, deverá saltar e se apoiar nas companheiras, nas próximas rodadas a diversidade vai diminuindo até chegar em apenas uma cultura, onde todas as crianças caem, pois não haverá companheiras (culturas distintas) para apoiá-las; • Fomentar uma reflexão sobre a diversidade e sua capacidade de fortalecimento entre culturas.
Objetivos específicos	• Fortalece o coletivo através das diferenças culturais, físicas, etc, de cada indivíduo; • Compreender como a monocultura afeta as relações ecológicas (entendendo os humanos como integrantes desse processo).
Oficina X	Culturas 3. “Agroecologia X Agronegócio”
Materiais	• Fotos ilustrativa de agroecossistemas e do agronegócio e suas produções (sementes de milho, feijão e jerimum);
Como fazer	• Pás e regadores; • Partilhar os materiais sobre agroecologia X agronegócio e levantar reflexões acerca de cada um;

	• Pensar o tipo de manejo que favorece a vida e a saúde dos animais e da terra; • Apresentar a proposta do cultivo das três irmãs (milho, feijão, jerimum) e explicar como o consórcio entre elas as fortalecem; • Realizar o plantio das sementes citadas em canteiros previamente preparados para a atividade e fazer o acompanhamento do desenvolvimento das plantas.
Objetivos específicos	• Firmar o conceito de agroecologia; • Colocar em prática os tópicos anteriores; • Tomar responsabilidade e sentir-se pertencentes ao processo.

Fonte: Autoria própria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola campo tem como proposta contribuir para uma educação transformadora a partir do reconhecimento do ser humano como um ser integral e integrado em seu meio, como uma espécie que deve buscar conviver de forma compassiva e sustentável. Trazendo nessa perspectiva o princípio da interseccionalidade antiespecista (Oliveira, 2018), que procura instrumentalizar a conexão entre o combate às formas estruturais de opressão contra seres humanos e demais animais. Relacionando sobreposições de gênero, raça, classe e exploração animal sob uma ótica crítica decolonial que reconhece as vítimas que o nosso modo de vida produz, quem são os excluídos do nosso direito e quem tem sua existência secundarizada para o privilégio de um determinado grupo. Como a agroecologia sistematiza grande parte desses preceitos decidimos desenvolver nosso estudo nessa escola.

Os resultados aqui descritos iniciam com as observações participantes e levantamentos qualitativos do grupo I e, posteriormente, do grupo II. Embora os estudantes tenham interagido entre si em algumas atividades, as observações realizadas em cada grupo foram diferenciadas.

3.1 Grupo I

Ao longo dos 4 meses de atividades na escola foi possível observar como as crianças nessa faixa etária carecem de momentos naturais para reconhecer o

mundo e se reconhecerem nele. Durante as oficinas elas vivenciaram o ciclo natural da vida entendendo e/ou sentindo como os elementos se transformam. Para realização das oficinas foi necessário criar espaços onde as crianças pudessem ser protagonistas de suas histórias, com saúde e segurança, crescendo e se desenvolvendo em contato direto com ambientes naturais, livres de venenos.

As crianças que já se comunicavam oralmente destacaram várias sensações enquanto vivenciavam as oficinas, como por exemplo a impressão de que o “umbu explode na boca” (oficina II); “a folha tem cheiro doce” (oficina III); “existem batatas de várias cores (oficina V). Mesmo as que se comunicavam de outras maneiras, através dos gestos, do olhar, das expressões, captadas pelas educadoras, mostraram entusiasmo e envolvimento com cada atividade proposta. Ao longo das oficinas as crianças foram estimuladas a usarem a criatividade com bastante autonomia. Dessa forma, pudemos perceber que, dia após dia, elas foram significando/resignificando saberes e conhecimentos coletivos em seu repertório cognitivo.

Figura 1. Oficina III – Dinâmica com ervas. Teve como objetivo final desenvolver o olfato a partir de elementos pouco explorados entre as crianças.



Fonte: Autoria própria.

Figura 2. Oficina V – Fazendo pães de batata. Teve como objetivo final trabalhar a coordenação motora fina e desenvolver autonomia alimentar.



Fonte: Autoria própria.

Para algumas atividades lúdicas realizadas durante as oficinas foram necessárias adaptações da literatura, como exemplo para usar a música “Sítio do

seu Lobato” (ARGUILERA, 2008), a qual se transformou em “Sítio da Dona Maria” (adaptação dos autores).

“Dona Maria tem um sítio, agroecológico / E no seu sítio tem uma plantação / De milho e feijão / Tem jerimum pra cá / Tem jerimum pra lá / Tem jerimum pra todo lado, ía ía ô.” (OLIVEIRA, 2022)

Observando as turmas e as especificidades de cada componente, as oficinas se expandiram para além das propostas e tomaram rumos criativos onde as crianças se empoderaram e contribuíram umas com as outras numa dinâmica de troca e aprendizado, protagonizando cenas com espontaneidade e muita diversão.

Figura 3. Oficina IV - Colagem de elementos naturais em papelão. Teve como objetivo final explorar para além das formas geométricas e desenvolver a noção espacial.



Fonte: Autoria própria.

No âmbito geral de todas as oficinas aqui realizadas, concordamos com as ideias de Richard Louv (LOUV, 2016) de que as crianças vivem pelos sentidos. Onde o conhecimento sensorial liga o mundo exterior do indivíduo ao mundo interior, escondido e afetivo, sendo o ambiente natural a principal fonte de estímulo sensorial. Nesse contexto, foi essencial que antes da realização das oficinas a equipe tenha organizado um local seguro e permissível para explorar o mundo através dos sentidos e para o desenvolvimento saudável do emocional.

Este espaço seguro de aprendizagem é importante para que a criança possa ser um agente de construção em seu mundo, pois o processo social interage com a Natureza (TAMAIIO, 2002). Nesse sentido, proporcionar nas escolas o encontro das crianças com a Natureza, traz benefícios respaldados pela ciência, independente do contexto ao qual os indivíduos estão inseridos, pois é uma necessidade comum entre humanos (BARROS, 2018). Além de fortalecer a turma para trabalhar em equipe e desenvolver habilidades, instigando a curiosidade, a criatividade, a concentração e a maior disposição para aprender.

Notamos assim, o nosso corpo e o ambiente à nossa volta por meio do nosso sistema sensorial, compreendendo que, através dos órgãos dos sentidos, desde o início da vida começamos a experienciar o mundo (AYRES, 2005). Nesse sentido, o ser humano já nasce com o potencial básico de integrar estas sensações ao cérebro, entretanto, os bebês não têm estratégias e conhecimentos formados para perceber a complexidade dos estímulos ambientais, essa habilidade se desenvolve com a experiência e com a maturidade, principalmente na interação com o outro. Assim, deve ser desenvolvida através da interação com o mundo e da adaptação com o seu corpo e de seu cérebro aos muitos desafios físicos e emocionais durante a infância.

Ao final das oficinas, alcançamos os seguintes objetivos de aprendizagem e desenvolvimento segundo a BNCC (2017): respeitar acordos básicos de convívio coletivo nas interações e brincadeiras (toda as oficinas); movimentar-se no espaço, se norteador por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora, ao participar de brincadeiras e atividades (todas as oficinas); explorar e descrever conformidades e distinções entre as características e propriedades dos objetos (oficina de textura e de formas); observar, comunicar e descrever acontecimentos do cotidiano e fenômenos naturais (oficina de IV); compartilhar, com a turma, situações de cuidado de plantas e outros animais nos espaços da escola e para além dela (todas as oficinas).

3.2 Grupo II

Durante a realização das oficinas foi percebido a necessidade de algumas adaptações metodológicas para melhor atender as necessidades das crianças que se mostraram mais atentas e dispostas para atividades mais práticas, com recursos sensoriais e lúdicos.

No tema Solos, a turma pôde observar a dinâmica dos organismos, como ocorre o processo de ciclagem dos nutrientes e as diversas qualidades de solo que podemos encontrar na natureza em diferentes estágios. Utilizamos a composteira da escola para observar as mudanças da matéria orgânica e como a vida animal interage e acelera a degradação das cascas de frutas que as próprias crianças colocavam para compostar após os intervalos do lanche. Durante a roda de conversa, elas puderam compreender e discutir sobre os impactos dos agrotóxicos para os seres que vivem e trabalham na terra, através de fotos, livros e a história da Ana Primavesi.

Figura 4. Oficina I - Contação da história de Ana Primavesi. Teve como objetivo final fazer uma introdução sobre a importância da agroecologia e correlacionar a saúde das plantas com a dos seres vivos que delas se alimentam.



Fonte: Autoria própria.

Muitas lembraram dos insetos encontrados pelos solos da escola e fizeram a conexão entre um solo vivo e um solo morto. Chegaram a conclusão coletiva de que a agroecologia é o melhor caminho, pois respeita as vidas e produz com qualidade. Essa percepção da importância do alimento saudável já foi descrita por diferentes autores (DUTRA, 2019; DA CONCEIÇÃO, 2022) e esse embasamento literário foi explicado de maneira sucinta para as crianças. Outra adição que foi feita ao conhecimento coletivo foi de que a alimentação está ligada diretamente à aprendizagem, pois uma criança bem nutrida, apresenta maior capacidade para aprender e desenvolver suas habilidades, contribuindo também para uma melhor concentração. Assim, o alimento indiretamente auxilia no rendimento escolar das educandas (ALVES, 2020).

No tema Água, a turma acompanhou uma história sobre como o desmatamento das florestas influencia no deslocamento das águas através dos “rios voadores”, e como esse acontecimento provoca o desequilíbrio mesmo em lugares distantes. Refletiram sobre a ação da água da chuva em diversos solos do espaço escolar (como ela interage com as pedras, a areia, as plantas, etc)

Figura 5. Oficina VIII - Rega do plantio de milho e feijão. Teve como objetivo final conhecer as sementes agroecológicas e a importância delas para as famílias agricultoras; entender as dinâmicas de melhoramentos de plantas que as famílias agricultoras realizam e entender sobre variedades genéticas das sementes e relacionar com a diversidade animal (humanos e não humanos).



Fonte: Autoria própria.

Durante a roda de conversa foi feita uma sensibilização com algumas imagens de rios poluídos, o que as deixou surpresas e tristes pelo impacto causado nas

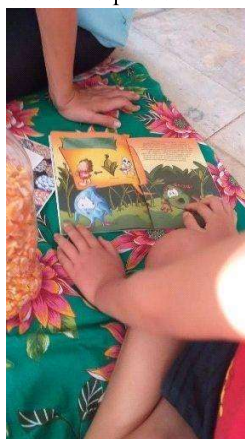
populações locais (de animais humanos e não humanos). Nas imagens foi possível observar animais mortos, populações indígenas sem alimento, até mesmo alguns brinquedos plásticos descartados na natureza. Também puderam entender os estados físicos da água de acordo com a temperatura e os impactos para o planeta (ARTAXO, 2020). Por fim, as crianças expressaram em desenhos os rios que temos e os rios que precisam e gostariam de ter (SCHWANKE, 2021).

Figura 6. Oficina VII - desenhando o Rio que temos X Rio que queremos. Teve como objetivos finais pensar a manutenção dos rios, os impactos do agronegócio e a importância da sua preservação para manutenção da saúde da terra; e imaginar as diversas formas de vida que dependem diretamente dos rios.



Fonte: Autoria própria.

Figura 7. Oficina X - Leitura sobre impactos climáticos nas florestas. Teve como objetivos finais firmar o conceito de agroecologia; colocar em prática os tópicos anteriores; e tomar responsabilidade e sentir-se pertencentes ao processo.



Fonte: Autoria própria.

No tópico Culturas, a turma teve acesso a uma diversidade de sementes (milho crioulo, coentro, feijões, lentilha) e, a partir dessas foi feita uma explicação sobre as sementes, trabalhado a importância das diferenças e como essas nos fazem fortes.

A dinâmica “diferenças fortalece” (adaptado de XXX) contribuiu para a compreensão da importância de se plantar em consórcio e pensar a turma como um coletivo biodiverso (observando a fisionomia e as preferências de cada um). Essa dinâmica visou também o fortalecimento do crescimento social de cada indivíduo. Ao final da dinâmica foi feita uma roda de conversa e percebido que as crianças desenvolveram a crítica sobre o monocultivo e o agronegócio. Após, as crianças foram direcionadas para um terreno pré preparado no pátio da escola onde fizeram os berços para receber sementes de milho, feijão, tomate e pimenta, sementes escolhidas por necessidade da escola; protegeram o solo com matéria orgânica seca para preservação da água. Em um segundo momento realizaram a coleta de acerola, pitanga, pinha e goiaba pelo espaço escolar. Aproveitando as coletas realizamos um lanche coletivo e fizemos um bolo de amoras.

Complementando a ideia de diversidade, em uma roda de conversa, refletimos sobre as várias etnias que formam o povo brasileiro, nossa biodiversidade alimentar e costumes. Ainda no contexto, elas foram perguntadas sobre a importância da agroecologia e obtivemos respostas assim: plantar para não gastar dinheiro” / “plantar é cuidar” / “agroecologia é importante pois assim nasce nossa comida pra gente se alimentar” / “usamos sementes, terra e água” / “agroecologia é importante pois ela é sagrada”.

Por fim, atingimos os seguintes objetivos de aprendizagem e desenvolvimento segundo a BNCC (2017) para a faixa etária de 4 - 6 anos: Apresentação de interesse e respeito por diferentes culturas e estilos de vida por parte das crianças; desenvolvimento da coordenação motora para o atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas; Exposição de ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da comunicação oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão; Acompanhamento e relato de mudanças em diferentes materiais, derivadas de ações sobre eles, em experimentos com fenômenos naturais e artificiais; Identificação e seleção de fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação; Esclarecimento de acontecimentos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

Com a conclusão de nosso trabalho podemos afirmar que todas as dinâmicas aqui realizadas tinham a intenção de educar e, nesse sentido, entendemos como Sousa e Cadete (2017) que descrevem que o educar vai muito mais além de

questões cognitivas, mas sim de ensinar e incentivar os sujeitos a se relacionarem com o mundo, auxiliando-os a compreender sua realidade. Realidade essa da qual as crianças urbanizadas se distanciaram. Para tentar iniciar a reversão dessa desconexão incentivamos com sensibilidade e singularidade a imaginação delas durante todas as oficinas, independentemente da idade. Nesse início de processo seguimos as palavras de Howard Gardner (1995), “O maior desafio é conhecer cada criança como ela realmente é, saber o que ela é capaz de fazer e centrar a educação nas capacidades, forças e interesses dessa criança”. Com uma turma pequena foi bem possível detalhar atenção individual e poder expandir a visão de natureza focando em cada capacidade, força e interesse.

Nessa lógica, Tiriba (2018) prega que o contato das crianças com o cultivo de alimentos sem agrotóxicos abre espaço para uma formação ética do cuidado com a terra, com o meio ambiente, com o seu próprio corpo e com o dos outros. Por meio dos tipos de interações propostas, as crianças puderam compreender que também são parte da natureza, e a partir daí valores puderam ser consolidados, como por exemplo a solidariedade, a coletividade e o respeito. Fomentando assim, caminhos para trabalharmos, por meio de hortas escolares, conteúdos sociocríticos no sentido de explorar sem conquistar, despertando o lado justo, pacífico e humano que é intrínseco da natureza da criança.

Viver em natureza e não apenas conhecê-la é um fator importante para a educação infantil, como já descreve Montessori (1965), onde conceder liberdade aos educandos(a) é quebrar barreiras que impedem o seu crescimento normal. Barreiras essas que podem oprimir ou limitar o corpo da criança que, naturalmente, anseia por descobertas, e onde o desenvolvimento físico e cognitivo estão em constante evolução. Observamos com isso que, trabalhar agroecologia nas escolas se mostra necessário para promover uma educação que desperte o pertencimento das crianças à sociedade e convoque o desejo de lutar por uma mudança significativa nas relações com o outro (entendendo aqui o outro como sendo toda a natureza para além do ser humano).

Ainda na ideia de natureza, a conexão educação infantil x agroecologia trabalhada durante as oficinas demonstrou-se importante porque é na infância que as crianças constroem os primeiros conceitos e produzem reflexões da sociedade a qual estão agregadas (LOUV, 2016). Nesse sentido, a importância de contextualizar conteúdos escolares com a rotina das crianças, de falar da cultura regional de sua

localidade e dos saberes populares que cada um carrega se faz de grande valia para o desenvolvimento pessoal de cada um. Por esse ângulo, a agroecologia tem sido uma ciência que perpassa o tempo, estabelecendo-se e se expandindo cada vez mais em uma série de contextos distintos. Tornando-se interdisciplinar entre as diferentes áreas de conhecimento, princípios e ideologias. Morin (2011) conjuntamente reflete sobre o potencial de desenvolvimento pessoal da criança quando trabalha sob a perspectiva da transdisciplinaridade, que também é o caso da agroecologia, integrando os estudos para uma compreensão que vai além, reconectando diversos saberes, quebrando barreiras do pensamento, construindo sentidos para a vida individual e social de cada sujeito.

Considerando seu contexto interdisciplinar atual aqui a agroecologia se apresenta como proposta articuladora do conhecimento, mesmo em contexto urbano. Tendo a capacidade de incentivar a aprendizagem de forma contextualizada com a realidade dos educandos, como já indica Paulo Freire (2019). Visto isso, é importante o acompanhamento de um profissional de olhar sensível aos sujeitos envolvidos, para poder atuar com qualidade (CAPORAL; RAMOS, 2006). Nesse sentido, a minha formação agroecológica vem somar a proposta de interligar educação infantil e agroecologia.

O resultado desse trabalho se mostrou presente nas falas e atitudes das crianças que se tornaram cada vez mais interessadas e proativas nas questões ecológicas, construindo saberes e organizações próprias para lidar com os desafios que surgem. Para Ailton Krenak (2019), mesmo com resultados claros de melhorias na relação ser humano x natureza há uma convocação para uma sociedade zumbi, onde esse tipo de educação e a agroecologia não são tolerados, pois configuram uma trajetória rumo ao sonho de viver com dignidade e gozo da vida.

À vista disso, Paulo Freire (2019) destaca em seus livros que as ações pedagógicas devem ser transformadoras e que possibilitem efeitos multiplicadores para a sociedade. Nessa lógica, trazemos aqui a importância de se trabalhar a temática e as correlações descritas aqui ainda no ensino infantil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É estabelecendo o contato com a realidade concreta, que alimentamos o cuidado e a compaixão, captando a essência humana para suportar a liberdade, a inteligência e a criatividade, identificando assim, os princípios, os valores e atitudes que constroem uma relação harmônica e integral entre os seres humanos e a natureza (BOFF, 2017). Nesse ponto de vista, o presente trabalho buscou por uma educação infantil valiosa, capaz de construir pontes entre saberes, linguagens, sentimentos e emoções. Entendendo e fazendo entender que a educação infantil precisa estar atrelada a natureza, a compreensão das dinâmicas ecológicas que tem se tornado um desafio não só para as pessoas adultas que acreditam num futuro possível, mas para as próximas gerações que já estão e podem fazer mudanças significativas em seu entorno. Contrapondo-se à concepção capitalista de competitividade e do viver melhor, em termos de consumo. E é aqui que a agroecologia e a pedagogia se encontram, ao fortalecer e alimentar a vida, a produção justa e sustentável, por sujeitos autônomos, protagonistas, criativos e esperançosos (no sentido do verbo esperar, para que nos mova).

As oficinas voltadas para a educação ambiental e educação em saúde podem ser consideradas como um importante instrumento pedagógico que pode contribuir para a participação e mobilização social. Isso acontece quando ela contribui para o envolvimento de cada um e valoriza o conhecimento, as habilidades pessoais e coletivas capazes de contribuir para promoção do desenvolvimento local sustentável voltado para o bem-estar, melhoria da qualidade de vida e a felicidade de todos. Onde as pessoas que se veem responsáveis e capazes de provocar e construir mudanças, podem se articular socialmente e se movimentarem, é uma escolha e um ato de liberdade (Toro e Werneck, 2004).

Nesse sentido, é importante que as instituições, os movimentos sociais e os indivíduos dispostos a travar a luta pela mudança de perspectivas para a educação, participem politicamente desse processo, expressando publicamente e livremente essa crítica, para que seja levada em consideração, com o propósito de causar mudanças estruturais, e coletivamente as crianças sejam acolhidas na sociedade, tendo todas as pessoas a responsabilidade efetiva de educar esses seres humanos que caminham e se transformam constantemente em cidadãos do mundo.

Finalizamos com a ideia de que este trabalho é sobretudo um convite, para que possamos estudar, desenvolver pesquisas e meios sólidos para a aplicação de uma educação realmente eficaz. Educação essa que surge não como uma resposta

fixa e permanente, mas como uma atuação ativa nesse exercício de transformação socioambiental, tendo como objetivo o fortalecimento de princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. Para tanto, é necessário dialogar com diferentes entidades, enfrentando os desafios de construir comunidades e relações em uma sociedade colonizada, onde o individualismo impera. É tempo de organização e fortalecimento, para salvarmos essa espécie em extinção: a criança na natureza. Ao considerarmos este movimento, viabilizamos possibilidades para um futuro possível.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, C. **Seu lobato tinha um sítio**. 1 ed. São Paulo: Editora Girassol, 2008.

ALMEIDA, J. A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado. **Ensaio FEE**, v. 24, p. 1-26, 2003.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALVES, G. M.; DE OLIVEIRA CUNHA, T. C. A importância da alimentação saudável para o desenvolvimento humano. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 10, n. 27, p. 46-62, 2020.

ARAÚJO, A. E.; MELO, L. F.; SILVA, L. P. C. **Juventudes camponesas: resistências, educação popular e agroecologia**. João Pessoa: A União, v. 2, 2021.

ARTAXO, P. As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 53-66, 2020.

AYRES, A. J. **Sensory Integration and the Child: understanding hidden sensory challenges**. 5 ed. Los Angeles: Western Psychological Services, 2005.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS, M. I. A. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BIAZOTI, A.; ALMEIDA, N.; TAVARES, P. **Caderno de Metodologias: Inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico**. 1 ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. 20 ed. Editora Vozes Limitada, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BRASIL. **Década da educação das Nações Unidas para um desenvolvimento sustentável: 2005-2014**. Brasília: UNESCO, 2005. Disponível em: <https://cutt.ly/YL47aBf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, 2010.

BROOKS, R.; TE RIELE, K.; MAGUIRE, M. **Ética e pesquisa em educação**. Tradução de Bridon, Janete. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2017.

CAPORAL, F. R.; RAMOS, L. F. **Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia**. Brasília. 2006.

CONCEIÇÃO, E. M. S. M. *et al.* Hábitos alimentares saudáveis na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 1, p. 1781-1800, 2022.

DUTRA, G.; MALAGOLI, L. A construção de um hábito alimentar saudável desde a educação infantil. **Revista gepesvida**, v. 5, n. 10, 2019.

DUAILIBI, M.; PERKINS, P. E. *et al.* **Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário**, Brasil, 2008.

FERNANDES, N.; SARMENTO, M. J.; TOMÁS, C. A. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuance: estudos sobre educação – Ano XI**, v. 12, n. 13, 2005.

FLACH, C. R. C.; BEHRENS, M. A. Paradigmas educacionais e sua influência na prática pedagógica. In: **Congresso Nacional de Educação**. Curitiba: PUC-PR, 2008.

FREIRE, P. **Direitos humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GARDNER, H. **Inteligências – múltiplas perspectivas**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas – a teoria na prática**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecology**: the ecology of sustainable food systems. Nova Iorque: Taylor and Francis, 2007.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 8-23.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: Resgatando as nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. 1 ed. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

LUZZI, N. **A associação dos agricultores ecológicos das encostas da Serra Geral**: análise de uma experiência agroecológica. 2001. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MEDEIROS, E. C. *et al.* **A dimensão educativa da mística sem terra: a experiência da Escola Nacional Florestan Fernandes**. 222f. 2002. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022.

MEJÍA, M. R. **Educação e Pedagogias críticas à partir do sul**: cartografias da Educação Popular. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MONTSSORI, M. **A descoberta da criança**: Pedagogia científica. Tradução de Aury Brunetti. Campinas: Kíron, 2017.

MONTSSORI, M. **A formação do homem**. Tradução de Sonia Maria Braga. Campinas, Kíron, 2018.

MONTESORI, M. **Manual práctico del método Montessori**. Barcelona: Casa Editorial Araluce, 1939.

MONTESORI, M. T. A. **Pedagogia científica**: a descoberta da criança. Tradução Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Editora Flamboyant, 1965.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar *et al.* **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

MUNANGA, K. **“Teorias sobre o racismo”**. In: HASENBALG, C. A. (org.). Estudos e Pesquisas. Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

MUNDURUKU, D.; YAMINALO, T.; NUNES, I. R. *et al.* **Jenipapos**: diálogos sobre viver. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2022.

OLIVEIRA, F. A. G. Lugar do cuidado na construção de um veganismo crítico interseccional. **Ética Animal**: Um novo Tempo. Rio de Janeiro, RJ: ApeKu, p. 31-53, 2018.

PIGNATI, W. A. *et al.* Distribuição espacial do uso de agrotóxicos no Brasil: uma ferramenta para a Vigilância em Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 3281-3293, 2017.

RIBEIRO, G. N. M.; SILVA, J. B. L. A alimentação no processo de aprendizagem. **Eventos Pedagógicos**, v. 4, n. 2, p. 77-85, 2014.

SANTOS, Z. C. W. N.; FERREIRA, V. S. Políticas e Documentos [Mec]: Há Espaço Para a Relação Criança/Natureza na Educação Infantil?. **UNIVALI - 37ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2015.

SCHWANKE, C.; DE MOURA, C. O desenho infantil como ferramenta de diagnóstico, percepção ambiental e avaliação de ações de educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 16, n. 1, p. 178-203, 2021.

SILVA, E. C. R.; FONSECA, A. B. C. Hortas em escolas urbanas, Complexidade e transdisciplinaridade: Contribuições para a Educação Ambiental e para a Educação em Saúde. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 11, n. 3, 2011.

SILVA, M. F. S.; MACHADO, C. R. S. A agroecologia e a educação ambiental transformadora: uma leitura para além de mudanças nas técnicas de produção agrícola. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.10, n.1, p.119-129, 2015.

SOUZA, A. A.; CADETE, M. M. M. O papel das famílias e da escola na formação de hábitos alimentares saudáveis de crianças escolares. **Revista Pedagógica**, v. 19, n. 40, p. 136-154, 2017.

TAMAIIO, I. **O professor na construção do conceito de natureza:** uma experiência de educação ambiental. São Paulo: Annablume, 2002.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecológicas, populares, libertárias. 1º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, L.; PROFICE, C. C. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, v. 44, 2019.

TORO, B.; WERNECK, N.D. **Mobilização social:** um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica; 2004.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

WEIL, Z. **The world becomes what we teach:** Educating a generation of solutionaries. Lantern Books, 2016.

WEZEL, A. *et al.* Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, p. 503-515, 2009.

Emitido em 16/06/2023

DOCUMENTO COMPROBATÓRIO (ANEXO) Nº 0/2023 - CCHSA - CAE (11.01.38.14)
(Nº do Documento: 203)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 25/11/2024 14:37)
MARA JANAINA NASCIMENTO CASTRO
SECRETARIO(A)
2422248

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número:
203, ano: **2023**, documento (espécie): **DOCUMENTO COMPROBATÓRIO (ANEXO)**, data de emissão:
25/11/2024 e o código de verificação: **bf24b204ed**